

IMAGENS SONORAS. DANÇAS NA ARTE RUPESTRE DA SERRA DA CAPIVARA, PIAUI, BRASIL – UMA INTRODUÇÃO

Sound images. Dances in the rock-art in the Serra da Capivara, Piauí, Brasil – an introduction

ABREU, Mila Simões de Abreu¹, JAFFE, Tamyris Rocha Santana², JAFFE, Maxim,³ & BUCO, Cristiane Andrade⁴

Resumo

Na zona do Parque Nacional da Serra da Capivara no estado brasileiro do Piauí, são conhecidos numerosos abrigos decorados de época pré e pós-colonial. Esses sítios arqueológicos possuem milhares de pinturas onde é possível identificar cenas que podem representar dança. São imagens de figuras humanas com braços levantados, membros fletidos, tanto isoladas como em pares e principalmente, grupos por vezes em linhas de antropomorfos. Essas figuras têm por vezes os corpos decorados e na cabeça aquilo que parecem ser máscaras ou cocares. Na mão, algumas dessas personagens, tem objetos que podem ser identificados como instrumentos musicais. A maioria dessas cenas foi feita num período cronológico que vai entre os 12/10.000 e o 3.000 anos antes do presente. Embora atualmente não existam grupos indígenas na área e nem é conhecida documentação histórica ou antropológica, é possível relacionar muitas dessas cenas com práticas, atuações e cerimônias que são conhecidas entre diversos grupos de Índios. São verdadeiras imagens sonoras do passado da dança no território Brasileiro e no Mundo.

Abstract

In the area of the Serra da Capivara National Park in the Brazilian state of Piauí, there are numerous decorated shelters from pre-colonial times. These archaeological sites have thousands of paintings where it is possible to identify scenes that can represent dance. They are images of human figures with raised arms, flexed limbs, alone and in pairs or in groups of anthropomorphic lines. These images sometimes have decorated bodies and on the head what appears to be a mask. In the hands of some of these characters, there are objects that can be interpreted as musical instruments. Most of these scenes were made in a chronological period between 12 / 10,000 and 3,000 years before the present. Although there are currently no indigenous groups in the area and no historical or anthropological documentation, it is possible to relate many of these scenes to ceremonies and performances that are known among different groups of *Índios*. They are true sound images of the dance's past in the Brazilian territory and in the World.

Palavras-chave: *Serra da Capivara; Arte Rupestre; Dança.*

Key-words: *Serra da Capivara; Rock Art; Dance.*

Data de submissão: março de 2020 | **Data de publicação:** junho de 2020.

¹ MILA SIMÕES DE ABREU - Unidade de Arqueologia, Dep. Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Associação Alter Ibi / CETRAD-UTAD, PORTUGAL. Email: msabreu@utad.pt.

² TAMYRIS DA ROCHA SANTANA JAFFE - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | Associação Alter Ibi – Vila Real, PORTUGAL. Email: tamyris_rs@hotmail.com.

³ MAXIM JAFFE - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências da Vida e do Ambiente / Associação Alter Ibi – Vila Real. PORTUGAL.

⁴ CRISTIANE DE ANDRADE BUCO - IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) – Ceará, BRASIL.

1. O LOCAL

A Serra da Capivara está situada no sudeste do Piauí, do Nordeste Brasileiro e é uma das zonas arqueológicas mais importantes das Américas (Fig.1). Localizada numa região entre as formações da bacia sedimentar do Piauí-Maranhão e a planície pré-cambriana do São Francisco, no que é hoje chamado “Território Serra da Capivara”, a zona é constituída por serras como a da Capivara e das Confusões, com a presença de grandes chapadas, semeadas pelos chamados “baixões” e “boqueirões”, ou seja, canyons mais ou menos estreitos onde a humidade se mantém mais a longo do ano e a vegetação é por isso mais luxuriante, ideal para a presença de muitos animais e do Homem.

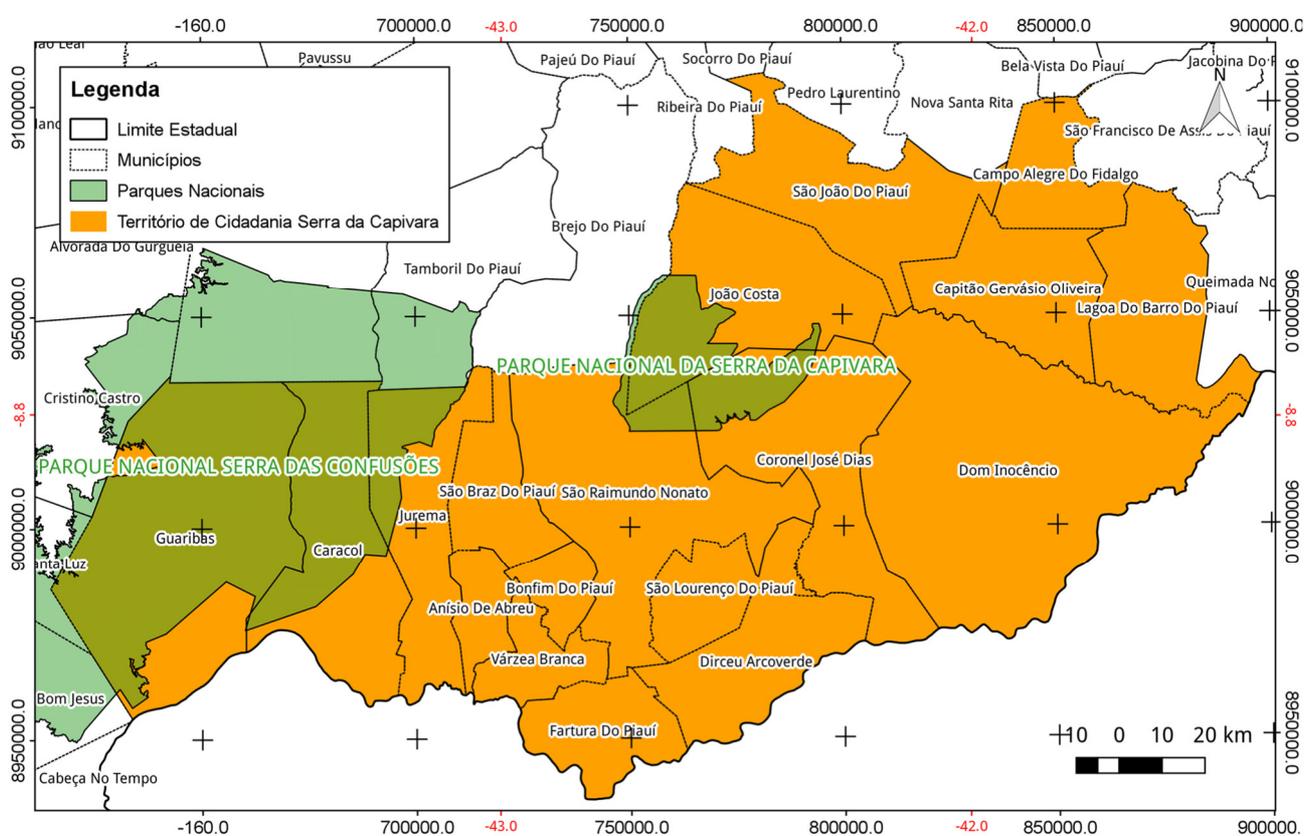


Fig. 1- Mapa do Território da Serra da Capivara marcado a verde os Parques da Serra da Capivara e Parque Nacional da Serra das Confusões (elaborado por M. Jaffe).

Em geral, o clima é semiárido, com a estação das chuvas a durar 5/6 meses e as temperaturas elevadas, com uma média anual de cerca de 28°C. Tais condições climáticas favoreceram um tipo de vegetação chamada *caatinga*, uma palavra indígena que quer dizer *floresta branca*. Na verdade, o ambiente transforma-se assim radicalmente ao longo do ano, passando de um mar verde vivo (Fig.2), durante a estação das chuvas (novembro – maio), para um intenso manto cinza-esbranquiçada (Fig.3) em (junho - outubro) que está na origem do nome dado pelos índios.



Fig. 2 - Visão do ambiente na zona da Serra da Capivara na estação das chuvas (foto M. Jaffe).



Fig. 3 - A mesma área, mas na época da seca com a cor cinzenta da caatinga (foto M. Jaffe).

Décadas de pesquisa, dirigidas pela investigadora Niéde Guidon e pela equipe da FUMDHAM, levaram a identificação de mais de 1400 sítios de interesse patrimonial, a maioria com pinturas e gravuras rupestres, mas também de ocupação humana permanente. Sabe-se assim que no passado as condições ambientais eram muito diferentes, com um clima tropical onde até há 12.000 anos existiam animais da chamada mega-fauna, como a preguiça gigante (*Catonyx cuvieri*; *Eremotherium rusconni*), o tigre-de-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*), o mastodonte (*Haplomastodon waringi*) e o tatu gigante (*Glyptodon clavipes*). Também as capivaras, que dão nome ao parque, e que hoje não existem, teriam sido abundantes quando o clima era mais húmido.

Graças a esses trabalhos foi criado, por decreto Presidencial, o “Parque Nacional Serra da Capivara” (PARNA Serra da Capivara), em 5 de junho de 1979. Propósito fundamental da criação do PARNA é proteger o património pré-histórico e pré-Cabral, assim como a flora e a fauna, e inúmeras belezas naturais. Aos iniciais 100.000 hectares, juntaram-se em 1990, mais 30.000 hectares de “Áreas de Preservação Permanentes”. Atualmente a zona do Parque inclui territórios pertencente aos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, Brejo do Piauí e João Costa e é gerida em parceria pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) de São Raimundo Nonato.

A importância dos achados arqueológicos levou a que a UNESCO classifica-se a área como património mundial – World Heritage Site n. 606 – em dezembro de 1991. Nos últimos anos, sendo parte do “Polo Turístico das Origens”, promovido pelo governo do Piauí, a zona tornou-se num importante centro cultural, tendo sido lá organizado por três vezes o festival internacional de artes de vanguarda “INTERARTES”. Mais recentemente o evento “Ópera da Serra da Capivara”, no majestoso do anfiteatro da Pedra Furada, tem reunido no palco várias expressões artísticas como música, dança, teatro, circo, cinema, luz e cores.

2. A ARTE RUPESTRE

Muitos dos abrigos da Serra da Capivara, chamados habitualmente “Tocas”, tem pinturas e cerca de um terço possui também gravuras. Muitos deles foram servindo ao longo das épocas de “morada” para grupo humanos e nalguns casos foram no seu interior descobertas sepulturas. A ocupação de alguns desses abrigos rochosos continuou até aos nossos dias, tendo até alguns servido de casa para os últimos maniçobeiros. Quando foi constituído, e de acordo com a legislação brasileira dos Parques Nacionais, toda a terra dos habitantes dentro dos limites foi expropriada, e a maioria dos habitantes já foram sendo retirados da zona do PARNA, após indemnização. Muitos dos antigos habitantes do antigo Zabelê, moram no assentamento rural Novo Zabelê, na área de entorno do PARNA.

Entre as figuras pintadas destacam-se numerosos tipos de animais, que ainda são frequentes na zona, como os tatus, as onças, os macacos-prego e os lagartos, mas também foram representados outros animais que devido as alterações climáticas já desapareceram como os veados galheiros (*Odocoileus virginianus*) e as já referidas capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*). A constatação de tal facto é um importante indicador cronológico e corrobora a ideia de uma ocupação muito antiga de toda a zona.

Já no que diz respeito as figuras humanas, elas aparecem tanto isoladas como em grupos, mais ou menos numerosos constituindo verdadeiras cenas. Foram executadas de forma muito dinâmica em muitos casos e mais estáticas noutros. Essas características permitiram estabelecer verdadeiros estilos artísticos que ajudam a distinguir as diversas fases cronológicas. Muitas desses antropomorfos possuem decorações no corpo e apresentam apêndices na cabeça (cocares) e tem por vezes na mão objetos mais ou menos identificáveis. Algumas das cenas podem estar relacionadas, com a caça ao veado ou ao tatu (neste caso sem artefactos), outras a uma temática de carácter sexual, com representações do ato por vezes com diversos participantes. Algumas podem segundo nós estar associadas a danças (Bucu 2012).



Fig. 4 – Dois dos abrigos mais famosos da Serra da Capivara da Capivara. À esquerda a Toca do Boqueirão da Pedra Furada e à direita a Toca da Entrada do Pajaú. Cenas com animais e humanos, alguns deles em grupo, fileiras de antropomorfos; no centro uma das muito conhecidas cenas onde personagens seguram um ramo (Fotos MSA).

3. AS CENAS DE DANÇA NA SERRA DA CAPIVARA

Existem na arte rupestre da Serra da Capivara quatro tipos de representações que pensamos poder associar à dança. Tal interpretação está ancorada nalgumas ilações que tem em conta: a elaboração da própria figura; o que se conhece da cultura material no Brasil, tanto do ponto de vista arqueológico como antropológico; e as comparações com figuras e respetivo significado conhecido na arte rupestre de outras partes do Mundo.

Não deixamos de ter em mente também outros dois fatores. Primeiro, já não há infelizmente, no território da Serra da Capivara, nenhum grupo indígena. Os diversos grupos humanos, que ao longo de milénios habitaram a área, foram desaparecendo ou, acabaram por diversas razões abandonar a zona, deslocar-se para outros lugares. É bem provável que muitos dos habitantes locais sejam descendes desses antigos povos embora, na atualidade, pouco tenha ficado na memória coletiva ou individual das tradições desses grupos.

Dito isto, embora não exista uma ligação direta com os “autores” das pinturas é possível fazer comparações com outros grupos de índios em especial do Nordeste brasileiro. Em segundo lugar, também não existe muita documentação escrita específica sobre esses primeiros habitantes da Serra, mas é igualmente possível encontrar suficientes informações que podem servir de base para comparações pertinentes para o nosso estudo.

Do ponto de vista metodológico observamos os gestos e a relação entre as figuras e olhamos para elementos que pudessem ser interpretados como certa representação de movimento e de ritmo. Assim foi possível identificar 3 tipos de figuras dançantes ou cenas de dança: personagem sozinho com os braços levantados, pares ou duos e grupos mais ou menos organizados.

3.1. Braços levantados

A representação dos gestos, por exemplo, membros fletidos, dobrados ou levantados podem ser especialmente interessantes para a identificação de possíveis cenas de dança. As pernas e os braços dobrados dão sem dúvida uma sensação de movimento (Fig.5).

São, porém, as figuras de braços abertos e levantados, que apresentam uma gestualidade mais específica que pode ser associada ao movimento e, portanto, ao ato de dançar. Estas figuras são comuns na arte rupestre de todo o mundo e muitas vezes são associadas a rituais onde o movimento tem um papel relevante. Muitas vezes as imagens de membros erguidos são chamadas de “orantes” (ou aqueles que estão a rezar) por terem uma posição de “braços erguidos aos céus” semelhante à que encontramos na iconografia cristã e de outras religiões associada à oração (Garfunkel, 2010).



Fig. 5 – À Esquerda, figura pintada fazendo uma «pirueta». Toca do Inácio. À direita cena com grupo de personagens com as pernas dobradas e braços levantados na Toca do Inácio I, zona da Serra Branca (fotos e desenho CAB).

Em 2004, um de nós (CAB) teve a oportunidade de acompanhar em uma visita um grupo de indígenas da etnia *Kraho* (hoje presentes na zona do estado de Tocantins) em diversos sítios arqueológicos com arte rupestre na zona da Serra Branca no PARNA. Notou então que foram as figuras mais geométricas que mais chamaram a atenção dos visitantes. Constatou e documentou (filmando) que ao ver uma pintura antropomorfa de braços abertos levantados para o alto, um deles executou uma dança acompanhada de um canto explicando em seguida que quando era criança a fazia e que simbolizava a alegria de viver (Fig.6).



Fig. 6 – À esquerda um índio Kraho dançando à frente das pinturas de um abrigo na zona da Serra Branca, no Parque Nacional da Serra da Capivara (Detalhe filme CAB). À direita Toca da Passagem, Serra Branca, grupo de personagem com os braços abertos e levantados e as mãos abertas (foto MSA).

Tal episódio dá força à ideia de que muitas das figuras com os braços abertos levantadas, mesmo as que aparecem isoladas e mais estáticas, estariam de facto a dançar. Por vezes, especialmente os antropomorfos mais esquemáticos, no chamado Estilo Serra Branca, tem corpo coberto ou decorado com linhas e zig-zags e tem adornos na cabeça que parecem ser cocares ou mesmo máscaras. Este tipo de pinturas corporais, tatuagens e máscaras são bem documentados em diversas zonas do Brasil (Gaspar 2009).

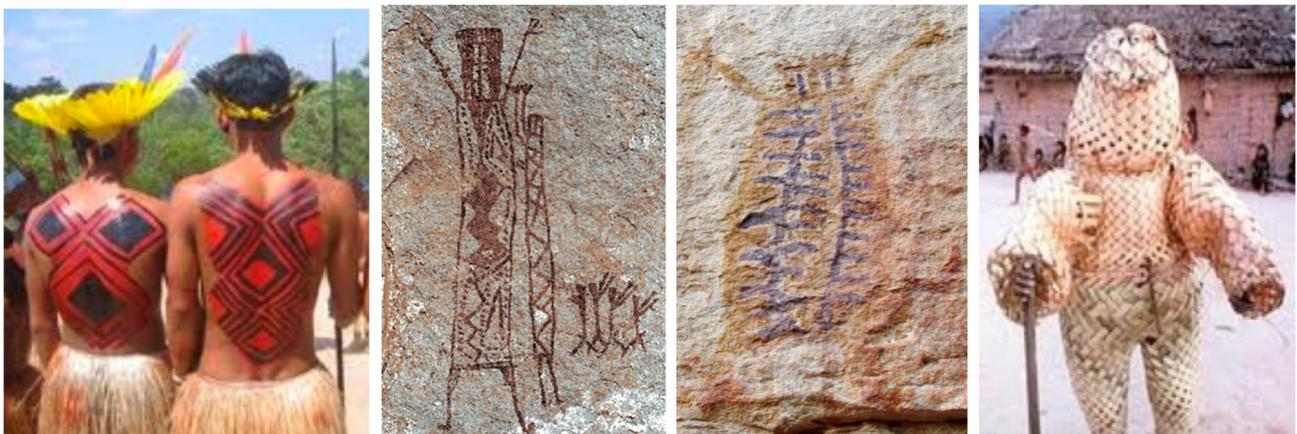


Fig. 7– Da esquerda para a direita: Pintura Corporal Indígena (Arquivo Digital: ISA); Toca do Morcego, grandes figuras pintadas com corpos decorados e mascarados(?) no chamado estilo Serra Branca (Foto Fumdhham); Toca do Pinga do Boi figura dicromática mascarada com talha (?) (Foto MSA) e fantasia *Suya* feita de palha entrelaçada (Buco 2012).

As máscaras dos indígenas no Brasil, cobrem a cabeça, mas também partes do corpo, são feitas de cascas de árvores, palha entrelaçada, tecido vegetal (tepas) e em especial nalgumas etnias como os Tupi, penas. São usadas em danças cerimoniais, representando muitas vezes algum personagem da mitologia e por vezes possuem poderes mágicos e dão proteção a quem as usa.

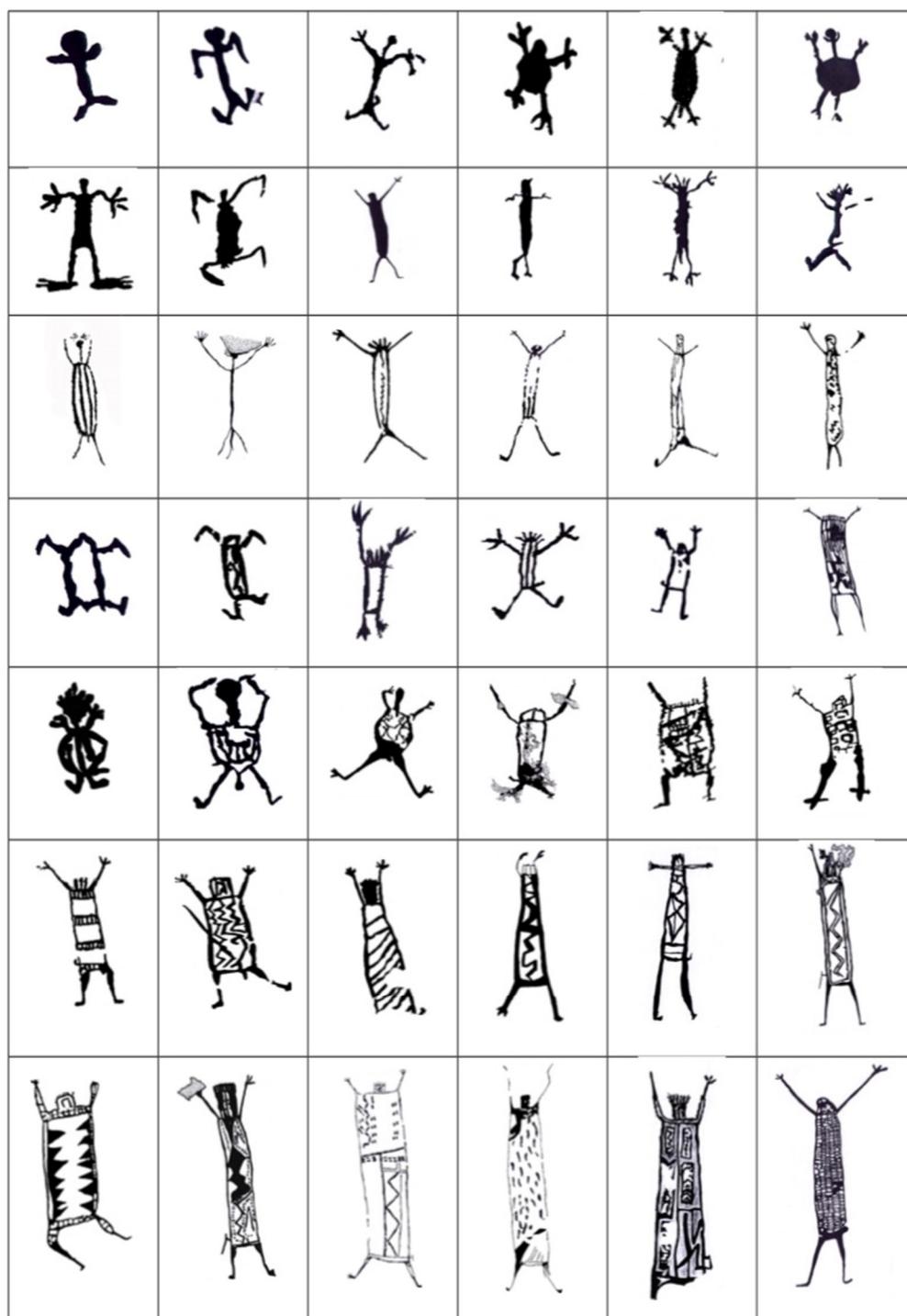


Fig. 8 – Exemplos de figuras pintadas a vermelho e tons mais castanhos com braços levantados. Algumas delas tem o corpo decorado com linhas paralelas e ziguezague com máscaras e por vezes a representação dos dedos (desenhos CAB).

Vestir-se, ou seja, cobrir o corpo habitualmente nu e dançar e na maioria das vezes parte de uma relação animista, ligada a divindades antagônicas, ricas de associações com os elementos naturais, por exemplo, a personificação de um certo animal (Bucu 2012).

Associados, ou mesmo nas mãos, de muitas dessas figuras encontramos diversos alguns objetos que podem ser identificados como instrumentos musicais como *maraca* ou chocalhos, artefactos aliás que fazem em conjunto, por exemplo, com a flauta dos produtores de sons mais utilizados pelos Índios no Brasil.

Em muitos casos as mãos foram representadas abertas, mostrando os dedos, representados por vezes, por apenas 3 linhas. Figuras como essas são chamadas “*grandi-mani*” (chamados grandes-mãos) e são conhecidas em muitas partes do mundo (Sansoni 2014). Foram interpretadas como representações de personagem/entidades importantes, com um papel de relevo e possuidoras de poderes especiais.

Nas figuras da Serra da Capivara as imagens têm também por vezes os pés, embora muito esquemáticos, apresentam às vezes dedos (normalmente 3), abertos e pintados.

3. 2. Pares e “Frente e perfil”

Muitas das figuras humanas que podem ser associadas à dança aparecem representadas em duos ou aos pares. Em muitos casos os antropomorfos são idênticos na forma, no tamanho e até na decoração interior do corpo (Fig. 9). Em diversos casos as imagens parecem ser verdadeiramente uma repetição uma da outra, o que pode ser interpretado por exemplo, como uma representação de uma sequência rítmica de movimento.

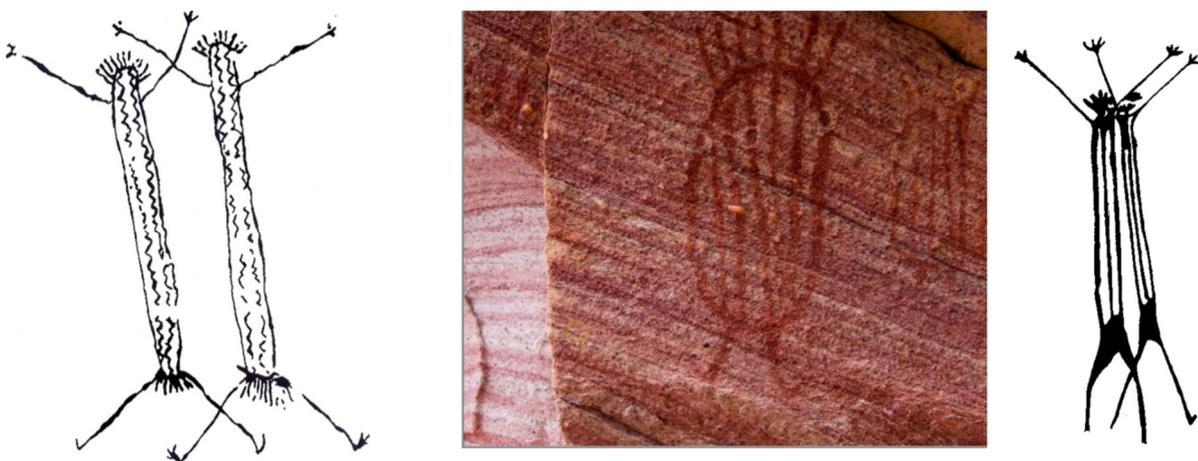


Fig. 9 – Pares de antropomorfos. Da esquerda para a direita, exemplos da Toca Emas do Delmiro e da Toca do Pinga do Boi (Desenhos e foto Bucu 2012).

Na zona da Serra Branca, do PARNA Serra da Capivara, muitos desses conjuntos apresentam uma gestualidade não só específica e bem definida como também características únicas (Buco 2012). São conhecidos como de “frente e perfil” (Fig. 10).

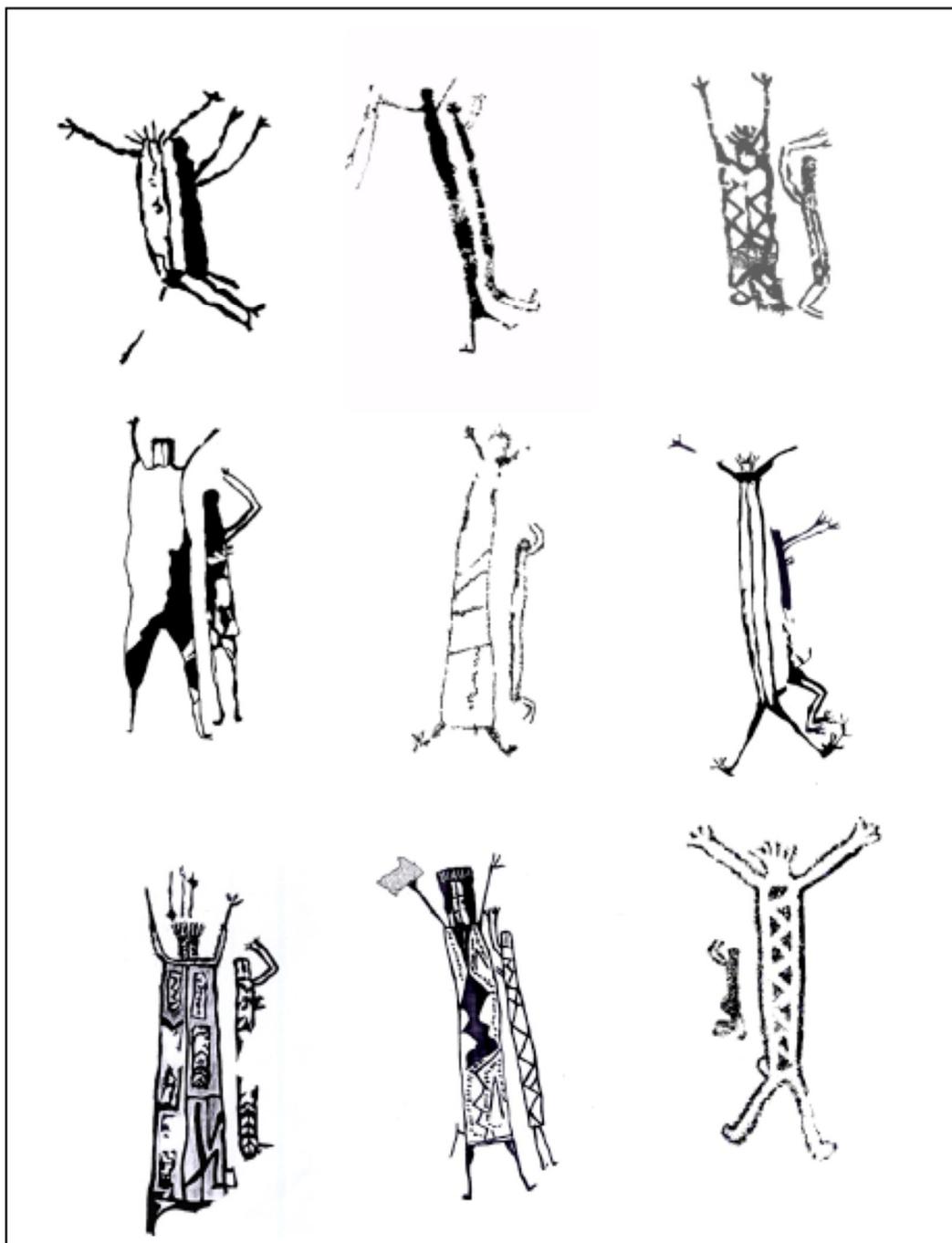


Fig. 10 – Exemplos de figuras pintadas da zona da Serra Branca, chamadas de “frente e perfil”. A figura masculina aparece representada de frente por vezes com o falo ereto e a feminina de lado ou perfil, esta última tem normalmente uma dimensão menor. Os corpos de ambas são muitas vezes decorados com linhas e outras formas geométricas e os dedos e pés aparecem por vezes apenas esboçados (Buco 2012).

Assim um dos personagens é representado virado para a frente e muitas vezes é claramente masculino, pois tem o sexo bem evidente e em ereção, enquanto outro elemento é apresentado numa perspectiva lateral ou perfil. Este último pode ser em muitos casos identificado como uma mulher, pois estão presentes a representação dos seios e por vezes possuem mesmo uma barriga saliente (gravidez?). Essas figuras femininas foram pintadas com as pernas fletidas, enquanto o homem apresenta as pernas abertas e direitas.

Nalguns casos junto dessa figura de mulher aparece uma mais pequena, agarrada a ela, como a tratar-se de uma criança. Os “frente e perfil” podem depois aparecer em cenas com a presença de mais de um desses pares.

Recordemos que os grupos indígenas brasileiros possuem regras muito específicas para “casamento” entre os membros da própria tribo e com os índios de grupos diferentes. Cada grupo trabalha com os elementos naturais e simbólicos que se fundem com mitos e ritos distintos passados de geração em geração. Arqueologicamente na grande maioria das vezes, podemos dizer que esse tipo de composição é representativo de dois estilos da chamada tradição Nordeste, com uma distância temporal que poderia chegar a 6 mil anos. Assim a figura humana de frente é do estilo Serra Branca (o mais recente) e a figura humana de perfil é do estilo Serra da Capivara (o mais antigo). Um tal conjunto de figuras é praticamente inexistente noutras áreas do parque embora seja conhecido em diversos sítios a nível mundial.

3.3. Grupos e filas

As cenas com diversas figuras são as que mais facilmente podem ser associadas a danças. Em todas as áreas da Serra da Capivara conhecemos diversos tipos de composições desse tipo nomeadamente: grupos aparentemente desordenados (Fig. 10), grupos associados a outro elemento sendo neste caso os mais interessantes, as chamadas “cenas das árvores” (Fig. 12) e muito mais numerosos os grupos de figuras alinhadas (Fig. 13).

Nos grupos desordenados as figuras aparecem estar relacionadas entre si, mas sem uma composição clara. Muitas delas demonstram grande movimento corporal com atitudes que levaram mesmo a que muitos as tenham definido mesmo como verdadeiras acrobacias (Fig. 10).

Em muitas dessas cenas as imagens parecem ter sido feitas como a dar entender que estão posicionadas em diferentes diversos planos, umas mais para frente que outras e tal é conseguido por terem sido executadas de tamanhos diferentes. Os braços erguidos e as pernas abertas contribuem para dar sensação de movimento e, portanto, provavelmente um tipo de dança. Por vezes associados a esses grupos temos outros elementos como animais, vegetais (Fig. 11 à esquerda) ou mesmo diversos objetos.



Fig. 11 – À esquerda na Toca da Baixa das Europas II, à esquerda um grupo de “acrobatas pintado na Toca do Boqueirão da Pedra Furada (foto MSA).

Presentes em diversas zonas do Parque foram identificadas as chamadas cenas “da árvore” (Fig. 12,13). Trata-se de um grupo desordenado posicionado à volta de um elemento vegetal, muito provavelmente um ramo e não uma árvore inteira.



Fig. 12 – Toca da Extrema II - um dos mais conhecidos exemplos da “cena da árvore” (Foto MSA).

É interessante notar que as figuras humanas têm os braços erguidos virados na direção da “árvore”, algum desses personagens tem o sexo em ereção e no membro é possível ver uma espécie de decoração. Os pés de alguns antropomorfos estão voltados para cima talvez numa indicação de movimento à volta do elemento vegetal. Noutras das cenas conhecidas o número de personagens é inferior e são mais estáticas, mas o elemento vegetal parece relacionado o mesmo circundado pelos humanos.



Fig. 13 – Diversas das cenas ditas “da árvore” presentes na área da Serra Branca (Bucu 2012, p. 465).

No Brasil é conhecido o “ritual da Jurema”, uma tradição mágica religiosa que se iniciou com o uso desta planta pelos indígenas da região norte e nordeste do Brasil, mas que atualmente possui influências variadas, que vão desde a feitiçaria europeia até a pajelança, xamanismo indígena, passando pelas religiões africanas, pelo catolicismo popular e até esoterismo e psicoterapia psicodélica (Bucu 2012; Brandão & Nascimento 1998).

Presentes em muitos dos abrigos em todo o PARNA Serra da Capivara são igualmente umas filas de antropomorfos muitas vezes com o corpo esboçado como a forma de uma pequena salsicha/linguiça. Mais os menos numerosas essa fileira tem na maioria das vezes uma sequência linear que mantém uma métrica em relação ao espaço entre cada das figuras e possuem pouca diferença de altura, tipo de corpo e cores com que foram pintadas. Frequentemente pequenos traços representam os braços e as pernas e frequentemente esses têm uma cor mais clara como branco, amarelo ou cinzento. Por vezes essas monótonas filas são interrompidas por um personagem ou mais personagem completamente diferente tanto na aparência como na direção (Fig. 14).



Fig. 14 – Toca da Entrada do Baixão da Vaca, grupos lineares com diversos personagens no mais a direita e possível algumas figuras que quebram a monotonia da fila (Foto MSA).

Em diversos casos as figuras parecem apresentar uma decoração na cabeça ou mesmo um tipo de máscara provavelmente decorada com pinturas e penas ou elementos vegetais como vemos na Toca da Entrada do Baixão da Vaca (Fig. 13). A personagem de maiores dimensões, colocada por cima das outras é particularmente interessante, mas de difícil interpretação (Pajé). Algumas dessas cenas, como na Toca do Chaves V podem representar mascarados cujo corpo está quase completamente coberto por um tipo de armação de palha (Fig. 14).

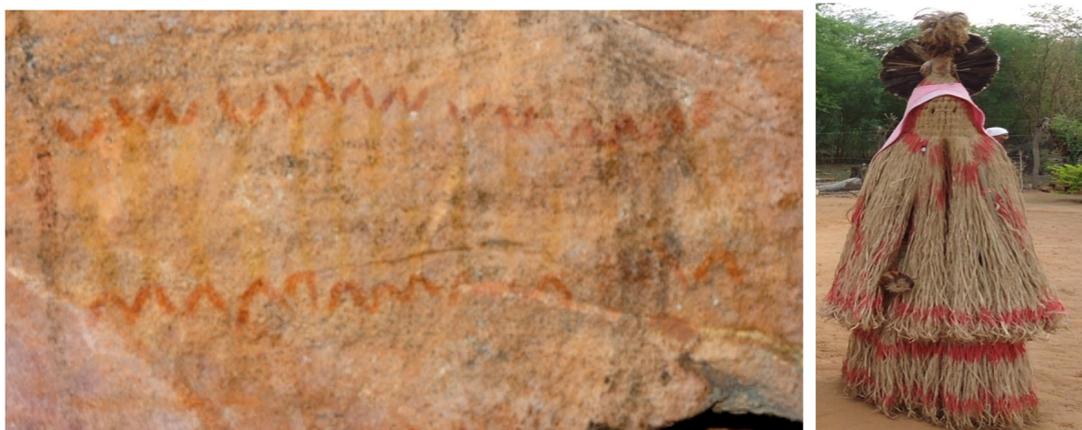


Fig. 15 – Fila de antropomorfos na Toca da Extrema II com o corpo quase completamente coberto da cabeça aos pés com uma possível armação de palha ou material semelhante (Foto CAB); Mascarado Pankararu, Pernambuco (Foto Valmir dos Santos Batalha).

É preciso recordar que entre a maioria dos grupos de índios do Brasil o vestuário, devido ao clima quase sempre quente, não é uma necessidade para cobrir-se ou proteger-se. O corpo aparece vestido parcialmente ou na totalidade caso sempre quando associado a cerimônias ou rituais especiais onde, por exemplo, quando o homem se disfarça de animal ou de outro tipo de entidade. Em muitos casos as tatuagens ou pinturas corporais tem exatamente a mesma função e assim tentam imitar a pele dos animais por exemplo como a onça.

A aparente imobilidade dessas filas não nos deve enganar. Em muitas das danças praticadas pelos diversos grupos de índios do Brasil tem na verdade pouco movimento e são bastante estáticas. É a música e a batida rítmica que tem lugar de destaque.

De recente, e a propósito da pandemia provocada pelo corona vírus, foi publicado na internet um vídeo que nos permite observar um tipo de dança realizada em algumas aldeias dos Xavante, tendo com a finalidade a proteção do espírito para a comunidade e o mundo (Fig. 15). Ao ver essas imagens não podemos deixar de nos recordar as pinturas da Serra da Capivara, por exemplo, no Boqueirão da Pedra Furada (Fig. 16) onde a semelhança, tanto no posicionamento dos participantes como até na mancha cromática, é evidente (Fig. 17).



Fig. 16 – Dança de proteção para a comunidade e o mundo realizada pelos Xavante em diversas aldeias em abril de 2020. (Fragmento do vídeo <https://www.facebook.com/leoni.alvesgarcia/videos/3086752038035402/>).



Fig. 17 – Um exemplo de algumas das filas de antropomorfos nas paredes no Boqueirão da Pedra Furada. O personagem tem com o corpo ovalado pintado de vermelho ou amarelo e as pernas e braços, apenas esboçados aparecem de branco (Foto MSA).

Embora muito mais raras algumas dessas fileiras ou linhas são formadas por personagens “de frente e perfil” como no caso de uma cena com figuras muito estilizadas presente na Toca da Externa II (Fig. 18).



Fig. 18 – Na Toca da Externa II - uma fila formada por personagens de frente e perfil muito esquemáticas, mas que devido a posição dos braços e pernas (Foto CAB).

Neste caso em vez de exclusivamente termos um conjunto de pares notamos uma linha de imagens intercaladas por figuras representadas frontalmente, com os braços em cruz, e outras “de lado” (mulheres?). Estas últimas tem as pernas fletidas e os braços dobrados erguidos. O movimento é perceptível exatamente pela linguagem corporal destas últimas figuras “de lado”.

Nalgumas das cenas de dança em grupo na arte rupestre do PARNA Serra da Capivara vemos que existe uma participação feminina (Fig. 18) o que é pouco comum entre os índios da atualidade, onde as danças têm em muito casos apenas a participação masculina principalmente as que tem com elemento principal o Pajé.

4. CONCLUSÕES

É bem conhecida a importância que tem a dança para os diversos grupos de Índios do Brasil dançavam quando se estão a preparar-se para a guerra e quando dela regressam, mas igualmente em ocasiões especiais, como para assinalar a puberdade de um membro do grupo ou para celebrar um cacique. Estão associadas à rituais que tem a ver com a vida, mas também com cerimónias fúnebres. Como fenómeno tem sido estudado desde o início da época colonial (Gebara 2007) nas diversas zonas União.

É de recordar que a dança teve provavelmente sempre igualmente um papel importante relacionado com atividades mais quotidianas como celebrar uma boa safra, o amadurecimento de frutas ou uma boa pescaria.

Essas práticas tem as raízes no passado e é exatamente aí que a arqueologia e em especial o estudo da Arte rupestre é extremamente interessante e pode fornecer informações preciosas. Muitos investigadores no Brasil são relutantes em usar a palavra “arte” para definir a promoção visual, em especial a nível de pinturas ou gravuras, feita sobre/em rocha (rupestre) e preferem caracterizá-la como “grafismo”. Tal parece-nos muito redutivo e fundamentalmente enganador pois as figuras não são uma escrita, bem admitindo que vão para além da “arte” e possam ser uma verdadeira linguagem.

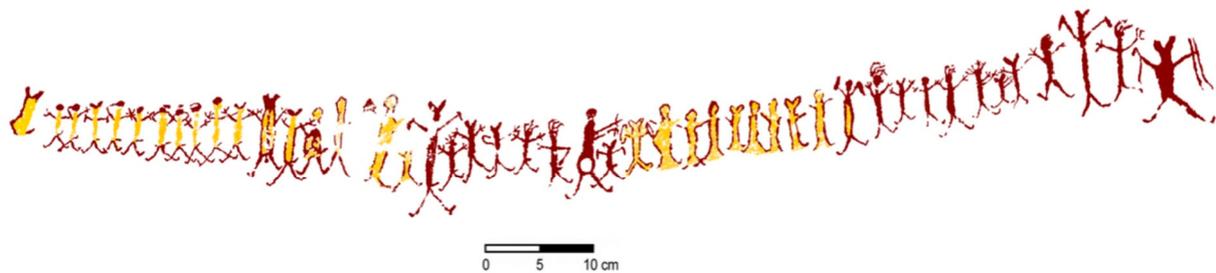


Fig. 19 – Cena de dança Toca da Extrema II neste caso parece ter havido uma tentativa apresentar os diversos planos onde se posicionavam os diversos personagens intervenientes na acção uns mais para a frente outros mais para trás (desenho e foto CAB).

Assim a zona da Serra da Capivara com os seus mais de 1400 abrigos, com milhares de figuras até agora identificados, constitui uma enorme fonte iconografia que pode permitir melhor entender a origem de muitas das danças e da gestualidade corporal dos grupos humanos que habitavam e habitam o Brasil podendo estar relacionadas com o próprio nascimento de muitas das tradições atuais sendo assim verdadeiras imagens sonoras do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguilar, N. (Ed.). (2000). *Mostra do redescobrimento: Artes indígenas*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo / Associação Brasil 500 anos de Artes Visuais.
- Arcà, A. (2001). Chronology and interpretation of the “Praying figures”. *Secondo convegno internazionale di archeologia rupestre. Archeologia e arte rupestre: l’Europa - le Alpi - la Valcamonica. Atti del Convegno di Studi* (2-5 ottobre 1997), Darfo Boario Terme, Milano.
- Brandão, M. do C. T., & Nascimento, L. F. R. (1998). O Catimbó – Jurema. *CLIO (Serie Arqueológica)*, 13, 71-79.
- Buco, C. A. (1999). *Indicadores da prática musical na Pré-História do Nordeste brasileiro: Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. (Dissertação de Mestrado). UFPE, Pós-Graduação em História. Recife, Brasil
- Buco, C. A. (2012). *Arqueologia do Movimento. Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. (Tese de Doutorado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Buco, C. A. (2014). O Vale da Serra Branca. Um Santuário da Pré-história. *Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, 1(1), 87-96.
- Buco, E. (2011). *Turismo Arqueologia / Archaeological Tourism Região do Parque Nacional da Serra da Capivara*. São Raimundo Nonato: Fundação do Homem Americano.
- Garfinkel, Y. (2010). Dance in Prehistoric Europe. *Documenta Praehistorica*, 37, 205-214. doi:10.4312/dp.37.18
- Gaspar, L. (2009). *Trajes e adornos de índios brasileiros*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- Gebara, A. (2007.) A educação dos Índios Bravos e Bárbaros. *X Simpósio Internacional “O processo Civilizador, Campianias-Brasil*.
- Sansoni, U. (2014). Nuovi rinvenimenti di figure a grandi mani e grandi piedi in località Bèrg, Portole e Ronchi d’Izir: note interpretative Preliminari. *Bolletino del Centro Camuno*, 37/38, 31-44.
- Silveira, E. S., & Sampaio, D. S. (2019). *Narrativas Míticas: Análise das histórias que as religiões contam*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.